



## **Editorial**

**Revista Digital do LAV** – Laboratório de Artes Visuais – vol. 13, n. 2, mai./ago. 2020. Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

ISSN: 1983-7348

Prezadxs leitorxs da RDLAV,

Esperamos encontra-ixs todxs bem e com saúde nesses tempos hostis que a pandemia tem nos obrigado a atravessar. Em meio a esses tempos difíceis, desejamos que possamos encontrar modos de resistir juntxs, modos de seguir com lutas que já vem se produzindo há bastante tempo e também inventar ferramentas para novas lutas, que emergem nas contingências atuais.

Sendo assim, é com muita alegria que apresentamos o segundo número do volume treze da Revista Digital do LAV/RDLAV de 2020. Número que traz o dossiê temático intitulado 'Gênero, sexualidade, cultura visual e educação', organizado pelo Prof. Dr Anderson Ferrari da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que inclui ainda dois artigos de demanda contínua.

### **Apresentação do dossiê temático**

#### **GÊNERO, SEXUALIDADE, CULTURA VISUAL E EDUCAÇÃO**

**Organizador:** Prof. Dr. Anderson Ferrari (UFJF)

As temáticas e os debates que organizam os campos de conhecimento têm uma historicidade, o que significa dizer que Gênero, Sexualidade e Educação, assim como Cultura Visual e Educação surgem em momentos históricos específicos e próximos. Essa historicidade marca a proposta deste dossiê que, ao mesmo tempo em que é herdeiro dessa trajetória construída ao longo dos anos, também evidencia o momento atual em que são chamados a se posicionarem diante das tentativas de silenciamentos e retrocessos que ameaçam os dois campos de conhecimento privilegiados neste dossiê.

Podemos dizer que o campo das relações de Gênero, Sexualidade e Educação se originou nas questões do movimento de mulheres, antes mesmo de se denominarem movimentos feministas, que inauguraram o conceito de gênero como um enquadramento político e cultural importante para ser problematizado. As desigualdades que marcaram e marcam homens e mulheres passaram a ser entendidas como resultado de construções ancoradas na História e na cultura, recusando a ideia de naturalização das relações de gênero. Posteriormente, as mulheres dos movimentos feministas tencionaram esse conceito nas suas interseccionalidades com raça e classe. O que chamamos hoje de movimento LGBT trilhou nos caminhos iniciados pelas feministas, ampliando a discussão em torno das questões de gênero, sexualidade e identidades LGBT, além de combater a 'ditadura' dos gêneros nas suas limitações binárias. No Brasil, esses movimentos surgiram com força no final da década de 1970, num contexto político de enfrentamento da ditadura civil-militar que havia tomado conta do país desde 1964 e que mostrava os primeiros sinais de enfraquecimento. Naquele momento, as questões que estamos discutindo hoje, como a transexualidade, o não binarismo de gênero, a presença das discussões de gênero e de sexualidade nas escolas e cursos de formação, bem como a união civil entre pessoas do mesmo gênero eram impensáveis.

Segundo Paulo Knauss (2006), a década de 1990 também foi o período histórico em que surgiu um campo de conhecimento interessado em discutir e pesquisar aspectos da cultura visual, a partir do campo dos Estudos Culturais. Iniciado nos Estados Unidos, os Estudos culturais vão se dedicar às pesquisas em torno das práticas e produções culturais, colocando em investigação o que chamamos de Cultura e seus desdobramentos na constituição dos sujeitos. O campo da Cultura Visual advém dessas discussões, entendendo que se trata de uma área multidisciplinar que envolve diferentes conhecimentos como a Sociologia, a Psicologia, a Educação, dentre outras que se debruçam sobre a constituição dos sujeitos, suas práticas, saberes e comportamentos num contexto político, histórico e cultural que não permite absolutizações. Os campos do Gênero, Sexualidade e Educação, Cultura Visual e Educação têm em comum o investimento na preocupação e problematização da constituição dos sujeitos, levando em consideração nossos contextos culturais, sociais e tempos históricos.

Ainda sobre a historicidade que nos marca é importante comentar sobre a atualidade deste dossiê intitulado **Gênero, Sexualidade, Cultura Visual e Educação**. A Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais (RDLAV), com esse dossiê, identifica

a necessidade candente das discussões das relações de gênero, sexualidade na cultura visual e na educação. Esse ainda é um tema pouco explorado, mas necessário no cenário atual de desmonte de políticas públicas no campo das relações de gênero e sexualidade, para o enfrentamento a ataques dos setores conservadores a esse campo, sobretudo, no que diz respeito à educação. Por outro lado, também vivemos um período de ampliação das relações com as imagens a partir da presença cada vez maior das redes sociais no nosso cotidiano. As *Fake News*, os relacionamentos virtuais, a produção e divulgação de nudes, o investimento dos processos educativos *on-line*, a diminuição das distâncias pelo virtual vêm incitando debates, defesas e preocupações em diferentes setores, demonstrando a importância da cultura visual para a construção da realidade e dos sujeitos. Neste sentido, a revista se coloca politicamente, entendendo que a cultura visual é parte integrante da constituição dos sujeitos em suas identidades de gênero e sexual e que isso diz de um processo educativo que precisa ser problematizado, discutido, tensionado para que possamos colocar sob suspeita nossas formas de saber, de conhecer, de ver, de ser e de estar no mundo e do que chamamos de realidade.

Foi esse campo problemático que conduziu a elaboração da proposta do dossiê, que busca articular três áreas do conhecimento que estão em diálogo nas construções dos sujeitos: os estudos de gênero e sexualidade, o campo da Cultura Visual e os processos educativos. Três áreas que nos provocam a pensar como as imagens ampliaram sua veiculação, passando a ser discutidas em espaços que até então não se dedicavam a pensá-las, a exemplo da Educação e da constituição dos sujeitos detentores de gênero e sexualidade. A noção de Cultura Visual ganhou força como um terreno a ser explorado para além do campo disciplinar das Artes, possibilitando a emergência de temas a serem problematizados na articulação das artes visuais com as relações de gênero, sexualidade e educação. As imagens passaram a ser um foco de atenção nos processos educativos, associando discussão intelectual, reflexão teórica e prática do cotidiano, uma vez que eram entendidas como um aspecto importante e predominante no que estamos construindo como cultura contemporânea. Tornamo-nos gradativamente uma sociedade em que as imagens estavam presentes e construía nossos cotidianos e sujeitos, assim, educavam-nos, ensinavam-nos coisas sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre nós mesmos. Foram essas questões que incitamos nos pesquisadores e pesquisadoras ao propor esse dossiê. Portanto, a nossa intenção é que a proposta deste dossiê seja entendida como

um convite para pensar as relações que somos capazes de produzir nesses encontros entre gênero e sexualidade, cultura visual e educação.

Os encontros possíveis das relações de gênero, sexualidade com a cultura visual e com a educação ocorrem para além das visualidades artísticas, convocando os dois campos de conhecimento a investigarem as imagens de forma geral, aquelas que estão construindo nossos cotidianos nas propagandas, nas mídias digitais, nos direcionamentos do consumo, nas concepções de beleza, moda, corpo, identidade. Nesse sentido, o dossiê parte do princípio de que as imagens produzem sentidos, estabelecem relações entre sujeitos, são resultados de processos de ver, aprender e ensinar com as imagens que se renovam de forma sutil e consistente, mas que as imagens também se constituem como campo de investigação, de problematização, de desconstrução de um olhar educado para os enquadramentos. Com isso, é importante situar os leitores e leitoras que o sentido de educação que estamos trabalhando neste número, não diz somente ou, exclusivamente, aos processos que ocorrem nos cursos de formação, nas escolas ou outros espaços formais de educação, mas estamos tomando o conceito de educação com maior abrangência, aqueles que dizem dos processos de subjetivação, ou seja, aqueles que respondem a questão foucaultiana 'como nos tornamos o que somos?'. Esse é um esclarecimento importante, em função dos artefatos culturais, que serão tomados pelos autores e autoras que compõem esse dossiê, que são variados, desde fotografia e cinema até o artesanato.

Diferentes artefatos que produzem diversas imagens que educam, ensinam, mas também investem na deseducação do olhar para poder olhar diferente, contribuindo para que os sujeitos possam se pensar em suas maneiras de ser e estar no mundo atual. Deseducar o olhar é tomar as imagens e torcê-las, utilizá-las para fins de problematização, reforçando a necessidade da educação para as visualidades, como defende Fernando Hernández (2000), quando reforça a importância da educação como ferramenta de decodificação de símbolos e signos que invadem nossas casas, as escolas, as ruas, caracterizando-nos como uma sociedade imagética em que as imagens estão presentes no nosso cotidiano. O trabalho com as imagens e com a cultura visual é um trabalho com a problematização da nossa sociedade e suas formas de organização dos sujeitos, convocando-os a se colocarem sob suspeita. Responder a questão foucaultiana "como me torno o que sou?" não significa ficar na constatação, mas investir em se modificar, em recusar o que são para produzir outras

formas de ser, estar e enfrentar a realidade. É nessa perspectiva que Fernando Hernández defende a cultura visual, destacando que ela contribui para

que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos [...] (HERNÁNDEZ, 2000, p. 52).

Olhar-mo-nos é um convite que está presente nos artigos que compõem este dossiê. Um convite à transformação, ao desafio de pensar nossos processos de constituição pelas imagens, a potencialidade da educação no questionamento do que somos, colocando nossas formas de pensar na história do pensamento. Nossas formas de pensar e de ser têm uma historicidade, dizem da história do pensamento. Não por acaso, vivemos momentos de olhar para as pessoas LGBT diferente do que marcava o tratamento na década de 1970, quando o movimento LGBT surgiu, mesmo que os quadros de violência e morte apontem para números alarmantes no Brasil. Desde sua origem, os movimentos feministas e LGBT investem nos processos educativos e vão dialogar com a produção acadêmica e a consolidação do campo com a instituição de grupos de pesquisa e de estudos, com a organização de disciplinas na graduação e pós-graduação, com a criação de núcleos e linhas de pesquisa que possibilitam novas temáticas e formas de fazer pesquisa e com seminários nacionais e internacionais que tomam essas discussões como foco.

Desse modo, este dossiê é tributário desse movimento que, paradoxalmente, é forte e ameaçado na atualidade. Um dossiê que ao unir gênero, sexualidade e cultura visual o faz pelo campo da educação, um campo valorizado e caro para a cultura visual. Pensando na perspectiva educativa que atravessa a cultura visual, Fernando Hernández aponta que

[...] os objetos da cultura visual que maior presença têm entre os meninos, as meninas e os adolescentes são os que recobrem as paredes dos quartos, as imagens das pastas da escola, as revistas que lêem, os programas de televisão a que assistem, as representações dos grupos musicais, os jogos de computador, suas imagens na Internet, a roupa, seus ícones populares, etc (HERNÁNDEZ, 2000, p. 136).

A citação acima não limita o entendimento de educação como o que ocorre nos muros das instituições de ensino, mas abre o entendimento para o que diz de uma mediação entre imagem, sujeitos e cultura. Nesse sentido, a educação diz de outro conceito que irá aparecer nos artigos do dossiê, que é o conceito de experiência. A cultura visual, assim como as relações de gênero e sexualidade ocorrem a partir da intervenção dos sujeitos nas suas diferentes experiências, naquilo que os marcam,

os atravessam e os constituem. Somos seres de experiência e somos convocados a produzir conhecimentos sobre nós mesmos e sobre os outros a partir dessas experiências. Assim, se o convite do dossiê é de nos olharmos, ele também é de colocar em discussão nossas experiências com as imagens com o objetivo de questionarmos sobre nossos desejos, corpos, gêneros, sexualidades, prazeres, dores. A imagem não se basta, porque ela necessita de um sujeito tanto para sua produção quanto para sua problematização. A imagem só ocorre na relação de preenchimento entre o que está posto e o que fazemos com isso, como vamos preenchendo a distância entre a imagem e o olhar. Para isso, acionamos outras imagens a partir das nossas experiências e dos nossos processos educativos.

Trazer a discussão da educação para o debate com a cultura visual nas relações de gênero e sexualidade nos processos de subjetivação é colocar em debate o conceito de pedagogias culturais. Dagmar Meyer (2013) nos convida a pensar as pedagogias culturais em seus diálogos com a construção de identidades, advogando que as pessoas aprendem e são incitadas a pensarem e ocuparem determinados lugares e, mais do que isso, aprendem a reconhecer determinados lugares como seus, como se fossem naturais. Os processos de identificação são resultados desses jogos de saber e de poder em que cada um responde, reconhecendo a si e ao outro num jogo de pertencimento e diferença que reforçam e reproduzem comportamentos e modos de ser nos gêneros e nas sexualidades.

Nós somos uma sociedade imagética e de enquadramento, de maneira que as imagens dizem dos processos de educação do olhar para os sujeitos e seus enquadramentos de gênero e sexualidade, num processo de vigilância, classificação, julgamento que nos organiza, constitui-nos nas nossas relações com os sujeitos e com o mundo. Atualmente, vivemos num momento histórico em que somos invadidos por imagens com suas mensagens sobre pandemia, saúde, desigualdades sociais, doenças e mortes. Se a novidade é a presença cotidiana da doença, morte, cuidados e vigilâncias conosco e com os outros, a forma de nos relacionarmos com as imagens não é nova, ou seja, já vivíamos um tempo em que as imagens faziam parte do nosso cotidiano, construía um olhar para o mundo, de maneira que não é novo o acompanhamento de imagens avassaladoras de guerra, fome, violência, romance, corpos valorizados e desvalorizados, consumo etc.

Essas ideias foram utilizadas como um convite aos pesquisadores e pesquisadoras para que assumissem o desafio de problematizar as imagens em seus processos de constituição dos sujeitos nas suas identidades de gênero e sexualidade, entendendo-

os como processos educativos. Pesquisadores e pesquisadoras de diferentes regiões do país, de distintas formações, de diversos pertencimentos de gênero e sexualidades e de múltiplos interesses e olhares para a potencialidade das imagens se uniram em torno desse convite para produzir conhecimento e para tirar os leitores e leitoras do lugar a partir dos seus questionamentos.

O artigo intitulado **#VAMOVIRARUM2020SEMPRECONCEITO? – imagem-currículo e cultura visual**, de Anderson Ferrari e Danilo Araujo de Oliveira da Universidade Federal de Juiz Fora - UFJF/MG/Brasil abre o dossiê, trazendo para o debate o conceito de imagem-currículo, ancorado nas teorias pós-críticas do currículo para explorar a necessidade de atenção para as experiências diárias do visual e para as contribuições da imagem para o campo da educação, focando nos processos educativos dos currículos que acontecem e estão em funcionamento no cotidiano. Para tal empreendimento, os autores tomaram uma imagem produzida e veiculada para as festas de final de ano em Salvador como provocadora, considerando-a como uma imagem-currículo capaz de introduzir questionamentos e fabricar lacunas no pensamento, modificando o que é visto e dito, o que se vê e o que se diz, o que se faz e o que se pode fazer com o que os sujeitos pensam sobre as verdades às quais eles se vinculam e sobre o que pensam sobre si mesmos.

No artigo construído por Steferson Zanoni Roseiro, Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves e Alexsandro Rodrigues da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES/ES/Brasil, as categorias 'bicha', 'infâncias' e 'imagens da sexualidade' são centrais na análise de uma animação. Intitulado **SUPERBICHA EM – aventuras de uma viada em um colã**, o texto parte do argumento de que a produção de imagens de sexualidades não-hetero se relaciona com as imagens da heterossexualidade. Os autores exploram as múltiplas possibilidades de se pensar e conceber o corpo bicha, tomando o que comumente é tido como um xingamento como um desafio e uma potencialidade para debater as situações de existência e de enfrentamento necessários à vida contemporânea. O desenho animado é tomado como uma produção de uma existência viada anômala, discutindo temáticas que atravessam os sujeitos, tais como a existência 'bicha' frente ao já consagrado 'gay'; as infâncias bichas e a superproteção familiar; os neofascismos e a onda de diminuição política dos corpos não-heterocentrados. Por fim, aponta para o caráter de resistência dos corpos frente à máquina de guerra capitalística e para os modos de criação de afetos impensáveis.

Na continuidade, temos o artigo de Larissa Pinto Martins, Marcio Caetano, Keith Daiani da Silva Braga e Paulo Melgaço da Silva Junior, da Universidade Federal de Rio Grande, FURG/RS/Brasil, com o foco nas lesbianidades e imagens. **CHANACOMCHANA também é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais** associa o papel da imprensa lésbica com a pedagogia cultural, ou seja, com um processo que ensina e que se aprende com as imagens. São as charges, tirinhas e imagens que circularam nos boletins *ChanaComChana*, na década de 1980, que são tomadas como foco das análises, um boletim importante para a história do movimento LGBT e para a construção das lesbianidades e dos pertencimentos identitários. O argumento central do artigo é o entendimento desse artefato cultural e das imagens presentes nele como espaços de construção de resistências, de novos saberes, de novas formas de ser importantes para a ressignificação das performatividades lésbicas.

Djalma Thürler, Duda Woyda e Olinson Valois da Universidade Federal da Bahia, UFBA/BA/Brasil, são os autores do artigo **(cu)nhantã tem, (cu)rumim também: políticas de subjetivação em imagens de Abel Azcona**, um texto que assume o caráter interdisciplinar das imagens e que parte das obras *Amém* (2015) e *Make America Great Again* (2017), do artista espanhol Abel Azcona para problematizar a complexidade das relações entre público e privado na atualidade. As políticas da subjetivação e seus atravessamentos com as imagens é uma temática atual tanto para o campo das relações de gênero, sexualidade, quanto para a cultura visual e educação, demonstrando que as fronteiras entre vida e arte são mais tênues do que imaginamos. Nas obras analisadas neste artigo, as peças do 'mundo real' buscam romper a fronteira entre arte e vida, enfatizando aspectos das práticas artísticas contemporâneas em movimentos que não ignoram as condições políticas atuais.

O cinema é o artefato cultural que está em debate no artigo **"A vida invisível": por entre cartas, corpos de mulheres e processos de subjetivação**. As pesquisadoras Rosimeri de Oliveira Dias e Denize Sepulveda da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ/RJ/Brasil, provocam nosso olhar para o filme *A vida invisível*, de Karim Aïnouz, no sentido de colocar em discussão as invisibilidades femininas por meio das correspondências entre duas professoras universitárias. São as ferramentas foucaultianas que são acionadas para pensar as cartas como uma atividade estética em que imagem, tempo e movimento se articulam. São as cartas, tanto as do filme quanto as trocadas pelas professoras que convidam os leitores e leitoras a pensarem as relações entre as pesquisas de gênero e sexualidade com os



processos de subjetivação e, mais do que isso, convidam a enaltecer as lutas travadas por mulheres no processo de desinvisibilização.

O cinema também está presente no artigo **Imagens-cinema e redes de conversações: linhas de fuga para pensar as questões de gêneros e de sexualidades nos cotidianos escolares**, das pesquisadoras Sandra Kretli da Silva da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES/ES/Brasil e Marlucy Alves Paraíso da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG/MG/Brasil. O texto é resultado de uma pesquisa realizada em dois centros municipais de Educação Infantil, em que foram organizados encontros com professoras e crianças, envolvendo imagens cinematográficas em redes de conversações sobre gêneros, sexualidades e currículos. A partir dessa pesquisa, são os processos de resistências às tentativas de padronização de currículos e de uniformização dos corpos, das culturas e da vida que são tomados como foco de análise. As imagens cinematográficas são os disparadores das conversações entendidas como possibilidades de expandir as forças intensivas que acionam múltiplas sensações e provocam rupturas nos clichês e nas imagens dogmáticas do pensamento.

Roney Polato de Castro da Universidade de Juiz de Fora, UFJF/JF/Brasil, continua a explorar as potencialidades do cinema no campo das relações de gênero, sexualidade e os processos educativos no artigo **"Ser bicha é ser livre": um documentário anunciando modos de existir nas fronteiras dos gêneros**. É o gênero documentário que é tomado para discutir a política e a poética das imagens. *Bichas* é o título do documentário dirigido pelo pernambucano Marlon Parente que é organizado por diferentes relatos de jovens que narram experiências em diversos âmbitos sociais a partir de sua identificação como 'bichas'. A perspectiva metodológica assumida pelo autor é a problematização dos processos educativos para pensar sobre como cada personagem constrói sentidos e experiências de si ao se assumir como 'bicha', ressignificando a injúria que essa palavra representa para afirmar modos de existir que desafiam os regimes de visualidade cis-heteronormativos.

No artigo **Representação e auto-apresentação das mulheres artistas: reflexões para o ensino das artes visuais**, das pesquisadoras Ana Gabriela Portelina Hainosz do Instituto Federal do Paraná, IFPR/PR/Brasil, e Roberta Stubs Parpinelli da Universidade Estadual de Maringá, UEM/PR/Brasil, as representações das mulheres no ensino da Arte é a temática provocadora. Nesse sentido, segundo as autoras, a potencialidade do Ensino das Artes Visuais está entendida como um

investimento na quebra de sentidos, principalmente se assumirmos a produção artística das mulheres como mecanismo de libertação de algumas amarras. Mais do que isso, o artigo investe em análises que nos convidam a novas possibilidades de existir, através da auto-apresentação.

O cinema volta ao foco no artigo **As pedagogias visuais sobre ser cego e gay no curta-metragem 'Eu não quero voltar sozinho'**, de Marcos Lopes de Souza da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB/BA/Brasil. O pesquisador se dedica a olhar o curta-metragem *Eu não quero voltar sozinho* nos seus processos de ensinar a ser cego e gay. Para isso, o filme é tomado como provocador em um subprojeto do PIBID de Geografia, de uma Universidade Federal mineira no sentido de problematizar, junto aos alunos e alunas, as visibilidades das homossexualidades nas produções imagéticas contemporâneas; os enfrentamentos experienciados por pessoas com deficiência visual e que se identificam como LGBTTI; a desestabilização do desejo afetivo e/ou sexual atrelado à percepção visual, desconsiderando outras sensações e a produção do amor romântico nas relações homossexuais.

A riqueza de análise das relações entre imagens, gênero e sexualidade é evidenciada no artigo das pesquisadoras Joyce Otânia Seixas Ribeiro e Vilma Nonato de Brício, da Universidade Federal do Pará, UFPA/PA/Brasil, quando tomam os brinquedos e as imagens do corpo como foco do artigo **Imagens do corpo: superfícies reversíveis e marcas de resistências no brinquedo de Miriti**. Sendo fiéis às tradições locais, as duas pesquisadoras do Pará aguçam o olhar para os brinquedos de Miriti para pensar e refletir sobre as representações do corpo nas imagens desse brinquedo que é um bem cultural da cidade de Abaetetuba/Pará. A peça *casal de namorados*, que representa o corpo de um casal ideal, é tomada como foco da problematização, sobretudo entre jovens do Ensino Médio, considerando que as imagens merecem atenção, pois mesmo representando corpos, gêneros e sexualidades hegemônicas, sendo a representação reversível, é capaz de constituir outros modos de ser e de viver.

**Quem nasce em Bacurau é gente? Gênero e precariedade de vida no filme "Bacurau"** é o título do artigo assinado por Felipe Bastos, da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF/MG/Brasil e Eduardo Gonçalves da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio/RJ/Brasil. Nele, os autores ampliam os efeitos do filme *Bacurau* para conduzir os leitores e leitoras a colocarem sob suspeita o conceito de sujeito a partir das provocações de Judith Butler, sobretudo a performatividade de gênero. Mas a potência das provocações vai mais além, deslocando o olhar para

as vidas precárias que estão presentes no filme e que nos povoam, estabelecendo uma relação entre cinema e educação como aquela que nos ensina a problematizar os sujeitos e seus processos de enquadramento e identidades.

O protagonismo juvenil no cinema está presente no texto de Carla Silva Machado e Rosália Maria Duarte, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio/RJ/Brasil, que construíram o artigo **Relatos de uma pesquisa com jovens estudantes de Juiz de Fora: audiovisual e gênero**. São as relações entre jovens estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental, da cidade de Juiz de Fora/MG, com imagens fílmicas que têm outros jovens como protagonistas que é o detonador das análises das representações de gênero nos filmes. Realizando oficinas de visualização e discussão de narrativas fílmicas, as pesquisadoras nos convidam a entender a relação daqueles jovens com o audiovisual, principalmente no que se refere às representações de gênero construídas no contato com narrativas audiovisuais.

As lesbianidades voltam a ser problematizadas no artigo **Flores Raras: lesbianidades e as espacialidades de armários e heterotopias**, dos pesquisadores e pesquisadora Alessandro Garcia Paulino, Cláudia Maria Ribeiro da Universidade Federal de Lavras, UFLA/MG/Brasil, e Nilson Fernandes Dinis da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar/SP/Brasil. Esse artigo inova no trabalho com conceitos potentes e pouco explorados, como o cinema, o imaginário de águas, o armário e as heterotopias. Para isso, são acionadas três cenas do filme *Flores Raras* (2013), sob direção de Bruno Barreto para entender o cinema como um inventor de uma pedagogia do olhar, de uma cultura visual, que faz emergir subjetividades e modos de existência a partir de seus modos de endereçamento. Por fim, a história de *Flores Raras* (2013) demonstrou-se envolvente e passível de problematizações e análises, levando em consideração o amor entre mulheres, a água, as espacialidades e as geografias dos corpos presentes nas imagens.

Encerrando o dossiê, temos o artigo **Encontros com o cinema de animação e com crianças na produção de filmes sobre direitos humanos**, da pesquisadora Constantina Xavier Filha da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS/MS/Brasil, que traz para a escrita sua longa experiência na produção de filmes com crianças a partir da temática dos direitos humanos. Um texto resultado de vários investimentos, tais como uma pesquisa realizada no estágio de pós-doutorado, a trajetória como pesquisadora de encontros com as crianças, as experiências de produção de filmes de animação em projetos de pesquisa e de extensão. Portanto,

são esses filmes produzidos com estudantes do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental que são tomados como detonadores das problematizações de temáticas como infâncias; gênero; direitos humanos; violência contra crianças; fazer cinema; corpo/autocuidado/autoproteção. A autora une todas essas temáticas com uma questão mais abrangente que é a defesa dos *direitos humanos* das crianças para escutar as crianças, para saber como elas pensam sobre este e outros temas como dignidade humana, direitos e deveres e redes de proteção.

São esses os artigos e temáticas que constituem este dossiê, em sua historicidade e posicionamento político na atualidade, que nos convoca a enfrentar as ameaças nas resistências possíveis.

## Referências

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual** – Mudança Educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual** – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KNAUSS, P. **O desafio de fazer História com imagens**: arte e cultura visual. Artcultura – Revista do Instituto de História da UFU. Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006.

MEYER, D. E. **Gênero e educação**: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). Corpo, gênero e sexualidade. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-29.

## Apresentação dos artigos da seção de demanda contínua

Junto ao dossiê temático, apresentamos a seguir, duas contribuições de demanda contínua, recebidas de pesquisadoras da Universidade do Estado de Santa Catarina e da Universidade Federal de Roraima, as quais compõem também esta edição da revista.

A autora Luzia Renata Yamazaki, da Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC/SC/Brasil, com o artigo **No rastro de narrativas maternas recolhi um fragmento de história que minha mãe contava sobre a meu nome**, explora uma série de trabalhos, usando documentos e fotografias de arquivos pessoais para pensar como – através de pesquisas em artes – pode-se construir imagens políticas provocadoras de sentidos para, assim, contribuir com o debate acerca da arte e das

questões referentes à mudança do paradigma social que coloca os homens em uma relação privilegiada em relação às mulheres.

No artigo **Arte urbana e os processos educomunicacionais: O que se pesquisa no Brasil?** Leila Adriana Baptaglin e Rafaella Luiza Antunes da Silva, ambas da Universidade Federal de Roraima/ UFRR, realizam um estado do conhecimento sobre a arte urbana no Brasil. Ao abordar a noção de processos educomunicacionais para pensar a arte urbana e suas relações com o contexto escolar, as autoras problematizam a carência de estudos que trazem essas articulações.

Ao finalizar este editorial, gostaríamos de manifestar nossa gratidão ao organizador do dossiê Prof. Dr. Anderson Ferrari, bem como aos autores e autoras que escolheram à revista como meio de publicação e divulgação de suas pesquisas. Agradecemos também a todos avaliadores e avaliadoras que se disponibilizaram a ler e contribuir com os manuscritos recebidos, bem como a toda equipe envolvida nesse trabalho de publicação.

Desejamos a todos uma ótima leitura, permeada de potentes encontros que possam abrir vias de resistência ao que temos enfrentado em meio a esse contexto de pandemia!

Marilda Oliveira de Oliveira – Editora Chefe  
Vivien Kelling Cardonetti – Editora Adjunta  
Francieli Regina Garlet – Editora de Seção  
Carin Cristina Dahmer – Editora de Seção